



Provas de Acesso ao 2.^a Ciclo

Educação Básica

2012

Exame de Língua Portuguesa

Tempo para realização da prova: 2 horas

Tolerância: 30 minutos

Material admitido: exclusivamente material de escrita

PARTE I – COMPREENSÃO DO TEXTO

O texto abaixo transcrito, da autoria de José Saramago é um excerto do seu livro As Pequenas Memórias. Leia-o atentamente.

Já não existe a casa em que nasci, mas esse facto é-me indiferente porque não guardo qualquer lembrança de ter vivido nela. Também desapareceu num montão de escombros a outra, aquela que durante dez ou doze anos foi o lar supremo, o mais íntimo e profundo, a pobríssima morada dos meus avós maternos, Josefa e Jerónimo se chamavam, esse mágico casulo onde sei que se geraram as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente. Essa perda, porém, há muito tempo que deixou de me causar sofrimento porque, pelo poder reconstrutor da memória, posso levantar em cada instante as suas paredes brancas, plantar a oliveira que dava sombra à entrada, abrir e fechar o postigo da porta e a cancela do quintal onde um dia vi uma pequena cobra enroscada entrar nas pocilgas para ver mamar os bácoros, ir à cozinha e deitar do cântaro para o púcaro de esmalte esborcelado a água que pela milésima vez me matará a sede daquele Verão. Então digo à minha avó: «Avó, vou dar por aí uma volta.» Ela diz «Vai, vai», mas não me recomenda que tenha cuidado, nesse tempo os adultos tinham mais confiança nos pequenos a quem educavam. Meto um bocado de pão de milho e um punhado de azeitonas e figos secos no alforje, pego num pau para o caso de ter de me defender de um mau encontro canino, e saio para o campo. Não tenho muito por onde escolher: ou o rio, e a quase inextricável vegetação que lhe cobre e protege as margens, ou os olivais e os duros restolhos do trigo já ceifado, ou a densa mata de tramagueiras, faias, freixos e choupos que ladeia o Tejo para jusante, depois do ponto de confluência com o Almonda, ou, enfim, na direcção do norte, a uns cinco ou seis quilómetros da aldeia, o Paul do Boquilobo, um lago, um pântano, uma alverca que o criador das paisagens se tinha esquecido de levar para o paraíso. Não havia muito por onde escolher, é certo, mas, para a criança melancólica, para o adolescente contemplativo e não raro triste, estas eram as quatro partes em que o universo se dividia, se não foi cada uma delas o universo inteiro. Podia a aventura demorar

horas, mas nunca acabaria antes que o seu propósito tivesse sido alcançado. Atravessar sozinho as ardentes extensões dos olivais, abrir um árduo caminho por entre os arbustos, os troncos, as silvas, as plantas trepadeiras que erguiam muralhas quase compactas nas margens dos dois rios, escutar sentado numa clareira sombria o silêncio da mata somente quebrado pelo pipilar dos pássaros e pelo ranger das ramagens sob o impulso do vento, deslocar-se por cima do paul, passando de ramo em ramo na extensão povoada pelos salgueiros chorões que cresciam dentro de água, não são, dir-se-á, proezas que justifiquem referência especial numa época como esta nossa, em que, aos cinco ou seis anos, qualquer criança do mundo civilizado, mesmo sedentária e indolente, já viajou a Marte para pulverizar quantos homenzinhos verdes lhe saíram ao caminho, já dizimou o terrível exército de dragões mecânicos que guardava o ouro de Forte Knox, já fez saltar em pedaços o rei dos tiranossauros, já desceu sem escafandro nem batiscafo às fossas submarinas mais profundas, já salvou a humanidade do aerólito monstruoso que vinha aí destruir a Terra. Ao lado de tão superiores façanhas, o rapazinho da Azinhaga só teria para apresentar a sua ascensão à ponta extrema do freixo de vinte metros, ou então, modestamente, mas de certeza com maior proveito degustativo, as suas subidas à figueira do quintal, de manhã cedo, para colher os frutos ainda húmidos da orvalhada nocturna e sorver, como um pássaro guloso, a gota de mel que surdia do interior deles. Pouca coisa, em verdade, mas é bem provável que o heróico vencedor do tiranossauro não fosse nem sequer capaz de apanhar uma lagartixa à mão.

José Saramago, *As Pequenas Memórias* (excerto), Lisboa, Caminho, 2006

Após a leitura, responda às seguintes questões:

1. Explique por que razão o autor afirma não se importar com a perda das casas que marcaram a sua infância e de que forma ultrapassa ele essa perda. (máx. 10 linhas)
2. Atente na expressão «mágico casulo».
 - 2.1. Identifique a figura de estilo aí utilizada.
 - 2.2. Esclareça, por palavras suas, o sentido que ela assume no texto. (máx. 8 linhas)
3. Ao enumerar as atividades a que se dedicava na sua infância, o autor fala de «um lago, um pântano, uma alverca que o criador das paisagens se tinha esquecido de levar para o paraíso».
 - 3.1. Indique a quem, no seu entender, se refere a expressão «o criador de paisagens».
 - 3.2. Considerando a frase no conjunto, que conclusão pode tirar sobre a forma como o autor recorda a paisagem da sua infância? (máx. 6 linhas)
4. No final do texto, o autor compara a sua infância com a das crianças na atualidade.
 - 4.1. Sintetize as diferenças apontadas. (máx. 10 linhas)
 - 4.2. Tendo em conta esse confronto, explique, por palavras suas, a conclusão final apresentada no texto. (máx. 8 linhas)

PARTE II — FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. *Reescreva as frases, substituindo os constituintes sublinhados pelo pronome pessoal adequado.*
 - 1.1. Essa perda, porém, há muito tempo que deixou de me causar sofrimento.
 - 1.2. Gostava de escutar sentado numa clareira sombria o silêncio da mata.
 - 1.3. A avó não me recomenda que tenha cuidado.
 - 1.4. No presente as crianças conseguirão apanhar lagartixas à mão?

2. *Transponha para a voz passiva as frases cuja estrutura o permita.*
 - 2.1. Já não existe a casa em que nasci.
 - 2.2. Posso levantar a cada instante as suas paredes brancas.
 - 2.3. As crianças do mundo civilizado já salvaram a humanidade muitas vezes.
 - 2.4. Atravesso sozinho as ardentes extensões dos olivais.

3. *Para cada uma das formas verbais ou expressões indicadas, escreva uma frase que exemplifique o seu uso correcto.*
 - 3.1. lembra-se
 - 3.2. brincasse
 - 3.3. há
 - 3.4. à

4. *Identifique a função sintáctica de cada um dos constituintes sublinhados.*
 - 4.1. Já não existe a casa em que nasci.
 - 4.2. Esse facto é-me indiferente.
 - 4.3. Então digo à minha avó: «Avó, vou dar por aí uma volta».

5. *A partir de cada par de frases, construa frases complexas de acordo com as indicações entre parêntesis, procedendo às necessárias alterações.*
 - 5.1. Já não existe a casa em que nasci. Esse facto é-me indiferente. (Subordinada concessiva)
 - 5.2. Também rui a pobríssima casa dos meus avós maternos. Nela passei grande parte da minha infância e adolescência. (Subordinada relativa)
 - 5.3. As crianças de hoje têm acesso a recursos muito sofisticados. Elas são capazes de grandes proezas. (Subordinada consecutiva)

PARTE III — COMPOSIÇÃO

Num texto que não ultrapasse as duas páginas, comente as diferenças entre as vivências características de uma infância mais ligada à natureza e as condições em que crescem as crianças da sociedade atual, particularmente as dos meios urbanos, apontando as vantagens e desvantagens que podem advir dessa evolução de costumes.

GRELHA DE COTAÇÃO DA PROVA

QUESTÕES	COTAÇÃO (valores)
PARTE I	
1.	2
2.1.	0,5
2.2.	1
3.1.	0,5
3.2.	1,5
4.1.	2
4.2.	1,5
TOTAL DA PARTE I	9
PARTE II	
1.	1,2
2.	1,2
3.	0,8
4.	1,6
5.	1,2
TOTAL DA PARTE II	6
PARTE III	
1.	5
TOTAL DA PARTE III	5
TOTAL DA PROVA	20